

Marcos Alexandre Sena da Silva¹

Esta peça curta foi escrita durante a disciplina Criação Literária: Peças Teatrais (ministrada pela Prof.^a Dr.^a Cássia Lopes), no curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A escolha pela obra dramatizada se deu pelo desejo de revisitar a obra de um dos maiores autores de todos os tempos, a partir de uma nova linguagem, explorando as potencialidades de um texto teatral. Trata-se da adaptação do conto “Maria Cora”, de Machado de Assis, publicado em “Relíquias de Casa Velha” (1906) – originalmente, o conto foi inserido em “A estação” e escrito entre 15 de janeiro e 31 de março de 1898, com outro título: “Relógio parado”.²

Aqui, a presença recorrente da quebra da quarta parede funciona como recurso para aproximar o público dos conflitos psicológicos dos personagens, tão característicos da obra machadiana. Desta forma, a peça evidencia as tensões sociais e morais presentes no conto e busca alcançar e recriar o tom irônico e reflexivo do autor (convidando o espectador a participar do julgamento moral das ações). Por fim, tem-se um exercício de leitura crítica e criativa da literatura brasileira, ao promover o diálogo entre tradição e reinvenção artística.

¹ Professor de Língua Portuguesa da rede estadual de ensino da Bahia. Possui Doutorado e Mestrado em Língua e Cultura, bem como Licenciatura e Bacharelado em Letras Vernáculas, todos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) – onde se deu mais fortemente sua aproximação com textos teatrais. E-mail: m.alexandre.sena@gmail.com.

² Informações disponíveis em: <<http://machadodeassis.net>>. Acesso em: 09 out. 2025. Trata-se do projeto de pesquisa encabeçado pela Prof.^a Dr.^a Marta de Senna, especialista na obra de Machado de Assis, considerada uma das maiores autoridades no assunto.

Maria Cora: uma adaptação machadiana

PERSONAGENS

Maria Cora

Sr. Correia

Velho

João da Fonseca

Amigo do Sr. Correia

Tia de Maria Cora

Prazeres

(Cenário: uma cama, um cabide e uma escrivaninha: deitado na cama, um rapaz desperta, ao ouvir o alarme do seu relógio, com dez 'cucos'; ele se levanta assustado, se arruma e escova os dentes; enquanto isso, a luz se transfere para o plano onde há um velho que, sentado à beira do palco, fala para a plateia.)

VELHO: Quatrocentos contos de réis permitiram-me casa exclusiva e própria; mas, em primeiro lugar, admito: os adquiri em jogo de praça; em segundo lugar, era um solteirão – convicto – de quarenta anos, tão afeito à vida de hospedaria que me seria impossível morar só. Casar, menos ainda – apesar de não me faltar pretendentes. *(Passa a mão na barba; a luz também vai para o plano do Sr. Correia.)* O celibato era a minha alma, a minha vocação. *(A luz do plano do rapaz mais jovem se apaga e ele sai do palco.)* Uma ou duas aventuras por ano bastavam ao meu coração. Isto, até ver aquela criatura que me cativou. Eu... *(Pausa.)* Bem, vejam com seus próprios olhos.

(A iluminação do plano do velho se apaga. A luz é transferida para o plano da igreja, onde o rapaz conversa com outro senhor, ao ver entrar uma senhora vestida de preto, acompanhada de uma senhora.)

SR. CORREIA: *(Cutucando o companheiro.)* Diz. Sabe quem é aquela de preto?

AMIGO DO SR. CORREIA: Com todo o respeito, Sr. Correia, mas o senhor já esteve em situações melhores. Pergunta-me sobre a senhora de bengala?

SR. CORREIA: *(Sussurrando.)* Pelo amor de Deus, falo sobre a que traja negro e desfila com passos de flor.

AMIGO DO SR. CORREIA: Correto. Descuidos acontecem. Vejamos, creio, então, que o senhor fala sobre a senhorita Maria Cora.

SR. CORREIA: (*Sussurando.*) Xiii. Fala Baixo! Ela é viúva?

AMIGO DO SR. CORREIA: (*Sussurando.*) Apesar do vestido e do fato de o marido não se encontrar entre nós, é casada com o senhor Fonseca, estaleiro do Rio Grande. A propósito, é lá que o senhor se encontra.

SR. CORREIA: (*Ainda sussurrando.*) Xiii. Ela está vindo, ela está vindo!

(*Maria Cora vai ao encontro dos dois, com sua tia velha; os quatro conversam, mas a plateia não os ouve. Neste plano, a luz baixa à medida que aumenta no plano em que o velho entra pelo outro lado do palco.*)

VELHO: Não soube mais nada, apesar de conversarmos durante alguns minutos, sobre coisas diferentes. (*Pausa; a luz do outro plano se apaga.*) A segunda vez que a vi, foi no outro dia, pela manhã, quando tinha o relógio parado. Após consertá-lo, na própria loja na qual o comprei, a vi na frente de uma loja de novidades. (*Pausa; olha para o lado e depois se volta para a plateia.*) Cumprimentei-a, e ela só respondeu depois de alguma hesitação, como se não houvesse me conhecido logo, e depois seguiu seu caminho. Eu, como qualquer outro faria, a segui. Lembro que dobrou aqui (*Enquanto fala, o velho faz gestos, indicando direções, com a mão.*), subiu ali, meteu-se acolá. Informo que a acompanhei quase que durante uma hora e meia. Para completar, lembro de chegar atrasado a outro compromisso. (*Pausa.*) A terceira vez que a vi, como a quarta, a quinta e os dias sucessivos, foram na casa do comendador. Apaixonei-me por ela. Provavelmente, já havia de desconfiar, porque mulher percebe facilmente. Meu desejo era acariciado pelas palavras alheias: ouvi aqui e ali que vivia separada do marido, devido uma aventura do cidadão, que destruiu a paz do casal. Disseram-me que, seis meses depois, ele voltou. A esposa tinha jurado não aceitar mais o esposo, e...

(*A luz passa para o plano do casal; ele, à porta de casa, com duas malas, implora para voltar.*)

MARIA CORA: (*Gritando.*) Não. Não. A escolha foi sua!

VELHO: (*Reprimindo-a.*) Xiii, dá licença, a vez é minha.

JOÃO DA FONSECA: Estou curado, meu amor. Voltei para ti, voltei para a nossa história!

MARIA CORA: Está tudo acabado entre nós. Vamos desquitar-nos.

VELHO: (*Voltando-se para a plateia.*) Tudo bem, tudo bem. Vamos acompanhar o final da discussão. (*A luz do plano do velho se apaga.*)

JOÃO DA FONSECA: (*De cabeça baixa.*) Tens todo o direito.

(*Os dois continuam a conversa, em luz mais baixa, sem que a plateia os possa ouvir.*)

VELHO: Isto foi o que aconteceu à noite. Pela manhã, vejam com seus próprios olhos!

(*A luz abaixa no plano do velho e sobe no plano do casal.*)

JOÃO FONSECA: (*Mostrando-se revigorado.*) Passei a noite em claro, mas foi de bom grado. Atentei a te propor, Maria Cora: deixa-me aqui passar seis meses. Se ao fim desse tempo persistir o sentimento atual do desquite, assim o faremos.

MARIA CORA: Vamos desquitar-nos!

TIA DE MARIA CORA: Amor só se tem uma vez. (*Virando-se para Maria Cora.*) Ele é seu esposo. (*Virando-se para João da Fonseca.*) Pois, ela aceita.

MARIA CORA: Não há jeito, vamos desquitar-nos, não aceito!

(*A luz abaixa no plano três e sobe no plano do velho.*)

VELHO: Aceitou. Antes de três meses, estavam reconciliados. Mas houve um porém: (*Virando-se para Maria Cora.*) Faz o favor de repetir o que disse naquela noite.

(*Novamente, há troca de luzes.*)

MARIA CORA: (*Mostrando-se desgastada.*) João, você deve ver que o meu amor é maior do que o meu ciúme, mas fica entendido que este caso da nossa vida é único. Nem você me fará outra nem eu lhe perdoarei nada mais.

(*Outra vez, a troca de luzes.*)

VELHO: Sim, foi assim. Obviamente, João da Fonseca prometeu-lhe mundos e fundos – e mais alguma coisa. Então, a vida começou feliz, até o período de mais dois anos. Maria Cora perdoou tudo e mais um pouco. (*Falando mais baixo.*) Soube até que a esposa chegou a ameaçar se matar. Algumas cenas são tão violentas, que vou lhes poupar a visão!

(*João da Fonseca e Maria Cora começam a simular a fala do velho, mas este se levanta e os retira do palco.*)

VELHO: Não. Não. *(Gritando.)* Não!

(O velho se volta para a plateia, mas, em certos pontos de sua fala, continua olhando para trás.)

VELHO: Bem, devo dizer que João da Fonseca se meteu com uma tal de Prazeres – acho que mais pelo nome do que pelo corpo. *(Ri.)* Depois de tudo, Maria Cora pediu separação. Eis que vem uma parte importante: pouco tempo após o desquite, João da Fonseca foi à guerra. Acreditem se quiser, mas foi um pedido de Prazeres, como grande prova de amor.

(A luz passa do plano do velho para o plano de João da Fonseca e de Prazeres.)

JOÃO DA FONSECA: Não te tenho dado tantas?

PRAZERES: Tem, sim, mas esta seria a maior de todas, esta me faria cativa até a morte.

JOÃO DA FONSECA: Então, agora ainda não é até a morte? *(Ri.)*

PRAZERES: *(Séria.)* Não.

(A luz retorna ao plano do velho.)

VELHO: E ele foi. *(Senta-se, novamente, à beira do palco.)* Sabe, a paixão me tomou de uma forma tão grande, que resolvi me declarar, após não mais poder guardá-la somente comigo. Decidi visitá-la algumas vezes, mas, sabe como é... *(Pausa.)* A confissão sempre é difícil. Busquei o caminho da distração, do esquecimento, mas não adiantou. Foi, então, que lhe escrevi uma carta. Entreguei-a e esperei resposta num máximo de quatro dias.

(A luz aumenta no plano do Sr. Correia e Maria Cora.)

MARIA CORA: Na outra noite, quando estive aqui, deu-me esta carta. Não podia dizer-me o que tem dentro?

SR. CORREIA: Não adivinha?

MARIA CORA: Posso errar na adivinhação.

SR. CORREIA: É isso mesmo.

MARIA CORA: *(Olhando para o lado.)* Bem, mas eu sou uma senhora casada. Não é por estar separada do meu marido que deixo de estar casada. O senhor ama-me, não é? Suponha que eu também o ame. Nem por isso deixo de estar casada.

VELHO: *(Olhando para a cena e fazendo sinal com a mão.)* Continuem, continuem!

SR. CORREIA: Não quer ler, nem para ver os termos?

(Maria Cora responde negativamente com a cabeça.)

SR. CORREIA: Imagine que lhe proponho ir combater contra seu marido, matá-lo e voltar!

MARIA CORA: *(Assustada.)* Propõe-me isto? Não creio que ninguém me ame com tal força. *(Sai; a luz se apaga no plano do casal.)*

VELHO: E eu fui. Amava-a com tal força. Sim, este que vos fala já esteve em guerra. De lá, escrevi-lhe outras cartas, mas só a primeira foi respondida. Não prometia nada, apenas agradecia e, quando menos, admirava. “Gratidão e admiração podiam encaminhá-la ao amor”, eu pensava. *(Pausa mais longa.)* Depois da morte de João Fonseca, tentei degolá-lo; não queria fazê-lo nem o fiz. A verdade é que lhe cortei um tufo de cabelo. Foi o recibo da morte que levei à viúva. Quando voltei ao Rio de Janeiro, já passados muitos meses do combate da Encruzilhada, o meu nome estampava telegramas, correspondências e jornais. Recebi cartas de felicitações e de indignações. Entre os cartões, recebi dois de Maria Cora e de sua tia, com palavras de boas-vindas. Era o que eu esperava como pretexto para visitá-la. Estava de luto. *(Pausa.)* Conversamos por algum tempo, mas não se disse de João da Fonseca. *(Pausa.)* Continuei a frequentar sua casa e, um dia, lhe perguntei se pensava em tornar ao Rio Grande.

(Luz no plano do casal.)

MARIA CORA: Por ora, não.

SR. CORREIA: Mas irá?

MARIA CORA: É possível, pois não tenho plano nem prazo marcado.

(Sr. Correia a olha; Maria Cora desvia o olhar; a luz no plano do casal se apaga, e a do plano do velho aparece.)

VELHO: *(Em pé, de bengala na mão.)* No dia seguinte ao qual acabaram de ver, escrevi-lhe uma carta em que lhe pedia a mão; desta vez, ela a leu. Imaginam a resposta? *(A luz volta para o plano do casal.)*

MARIA CORA: Por ora, estou disposta a não casar.

(Pausa longa.)

MARIA CORA: *(Cinicamente.)* Estarei velha. Além do mais, meu marido pode não estar morto.

SR. CORREIA: Mas a senhora está de luto! Quer certeza absoluta? Eu posso lhe dar.

MARIA CORA: *(Com voz um pouco alterada.)* Do que está falando?

SR. CORREIA: Amanhã, trago-lhe outra prova, se é preciso mais alguma.

(A luz passa para o plano do velho.)

VELHO: Lavei o tufo de cabelo que cortara do cadáver. Quando o mostrei, após contar os detalhes e ser ouvido atentamente, atirou-se a ele, beijou-o, chorando. Entendi por bem sair – *(Lentamente.)* para sempre. *(Pausa; novamente, o velho se senta à beira do palco.)* Para a memória não falhar, vou lhes ler um trecho da carta que recebi como resposta: *(Ele retira um papel do bolso da camisa e começa a ler.)* “Compreende que eu não podia aceitar a mão do homem que, embora lealmente, matou o meu marido?” *(Pausa.)* Nunca mais a vi – e, coisa menos difícil, nunca mais esqueci de dar corda ao relógio.

Submetido em: 9 out. 2025

Aprovado em: 18 nov. 2025